

Tornar-se mulher: análises a partir de entrevistas jornalísticas

Verônica Soares da Costa

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Faculdade de Comunicação e Artes, Belo Horizonte, MG, Brasil

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-1324-0535>

Carlos Alberto de Carvalho

Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Comunicação Social, Belo Horizonte, MG, Brasil

ORCID <https://orcid.org/0000-0001-8433-8794>

Rosa Cabecinhas

Universidade do Minho, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Braga, Portugal

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-1491-3420>

Resumo

A célebre assertiva de Simone de Beauvoir, “não se nasce mulher, torna-se mulher”, lida pelas lentes do racismo, da transfobia e dos desafios para as mulheres nas ciências, é reveladora de relações de poder. Este artigo propõe-se analisar, a partir de três entrevistas jornalísticas, como três mulheres refletem sobre os temas acima referidos. Considera-se o jornalismo como importante para a divulgação de temas socialmente impactantes, no entanto, com capacidade limitada de fornecer quadros de inteligibilidade ampliados. As entrevistas foram publicadas em sites informativos de Portugal, com uma mulher portuguesa trans, uma espanhola e uma ganesa, e as análises elucidam como o “ser mulher” está distante de modelos totalizantes.

Palavras-chave

mulheres; racismo; ciências; transfobia; jornalismo

1 Introdução

Com a célebre assertiva “não se nasce mulher, torna-se mulher”, proposta no final da primeira metade do século XX por Simone de Beauvoir (1980), as dimensões culturais e jogos de poder implicados na definição de condições biológicas exclusivas que determinariam a feminilidade e os papéis sociais das mulheres são colocados em xeque de maneira decisiva. Ao

chamar atenção para as estratégias culturais determinantes na constituição histórica de subalternização das mulheres, Beauvoir fornece aos feminismos e aos estudos de gênero sólidos argumentos para a busca de igualdade e equidade de gênero. Na perspectiva de Magda Guadalupe dos Santos:

Mas se a desigualdade não se inscreve no natural, como se dá a sua ocorrência? Este é o grande desafio a ser enfrentado por Simone de Beauvoir, numa leitura antropológico-filosófica dessa personagem que é o feminino enquanto uma caricatura cultural. Sua assertiva: “Não se nasce mulher, torna-se mulher” vem acompanhada da explicação de que “nenhum destino biológico, psíquico ou econômico define a forma que a mulher ou a fêmea humana assume no seio da sociedade” (Beauvoir, DS II, 1980. p. 9). Para ela, é bem o conjunto articulado da civilização que elabora o que se qualifica e de forma ainda pejorativa como o feminino na cultura (Santos, 2010, p. 117).

Se, no final da primeira metade do século XX, os feminismos se colocavam diante de desafios de igualdade e equidade nos marcos das sociedades europeias e estadunidenses, as últimas décadas trouxeram novos problemas a enfrentar, que se traduziram também no questionamento dos limites que os feminismos eurocêntricos e estadunidenses propuseram às noções de emancipação das mulheres. Para o feminismo negro, igualdade e equidade de gênero não são suficientes, sendo necessário também romper com as dinâmicas de poder e desumanização promovidas pelo racismo (Akotirene, 2019; Collins, 2019). Mais recentemente, algumas vertentes feministas têm investigado a transfobia no interior de determinados movimentos do feminismo (Aguirre-Sánchez-Beato, 2020; Cyrino, 2023; Silva, 2022), assim como se constituiu um movimento transfeminista (Nascimento, 2021; Valencia, 2018). Ao investigar as consequências dos privilégios masculinos em situações específicas, pesquisas indicam as dificuldades enfrentadas por mulheres em atividades relacionadas às ciências e como superá-las, tanto no fazer científico, quanto nos resultados de pesquisas e contribuições da ciência à sociedade (Schiebinger, 2001; Bohannon, 2024).

Neste artigo, analisamos três entrevistas jornalísticas publicadas em um dos maiores portais de notícias de Portugal, o *Sapo*, nas quais mulheres falam sobre preconceitos contra mulheres trans, racismo e inserção feminina nas ciências. Os temas não são transversais ao conjunto das entrevistas, que também não têm os feminismos como tema comum colocado para reflexão das entrevistadas. O objetivo central não consiste em realizar discussões sobre os feminismos e seus movimentos, mas perceber como as experiências das três mulheres dão pistas sobre novos sentidos à assertiva de Simone de Beauvoir, tornando mais complexa e matizada a ideia de que não se nasce mulher, mas torna-se mulher.

2 Nota metodológica

O artigo está organizado em uma breve discussão sobre o jornalismo e suas capacidades limitadas de ofertar compreensões mais abrangentes sobre os acontecimentos que narra. Uma vez que as entrevistas sob análise se originam de iniciativas jornalísticas, consideramos que há atravessamentos estruturais próprios dessa atividade na definição dos temas, com escolhas que deixam de fora questões que poderiam ser abordadas pelas mulheres entrevistadas. Na sequência, são indicadas dimensões que permitem apreender minimamente o racismo, a transfobia e os desafios para as mulheres nas ciências presentes nas entrevistas. No início dos tópicos apresentamos dados sobre as entrevistas, com destaque para trechos relevantes para a compreensão das reflexões das mulheres entrevistadas. Segue-se, então, para a discussão e para a conclusão.

A escolha das entrevistas foi feita pelo critério de abrangência dos três temas de interesse, optando-se por capturas em *site* de informação de acesso livre, cuja possibilidade de difusão é potencialmente maior comparativamente àqueles de acesso restrito, por meio de pagamento ou de inscrição prévia. Não nos orientamos por critérios quantitativos ou de representatividade, mas pela possibilidade de, nas três entrevistas, obtermos reflexões que problematizam o racismo, a transfobia e os desafios para as mulheres nas ciências como questões de interesse sociocultural, político etc., mas, sobretudo, por permitirem ampliar percepções sobre a assertiva “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Os três temas elencados, bem como as entrevistas selecionadas, acionam dimensões de outras pesquisas em andamento realizadas por nós, de modo que destacaram-se como elementos empíricos e de interesse teórico para esse movimento de ampliação da discussão.

3 Jornalismo

Apesar de ser uma atividade estratégica na produção de informações sobre variados acontecimentos sociais e naturais – política, economia, cultura, comportamento, terremotos, furacões e uma infindável lista de eventos –, o jornalismo não é capaz de oferecer, em grande parte das narrativas que produz, quadros de inteligibilidade ampliados. A limitação explicativa do jornalismo está relacionada a constrangimentos organizacionais e a escolhas ideológicas em suas abordagens, inclusive constituindo desafios éticos, uma vez que pode promover, intencionalmente ou não, racismo, misoginia, xenofobia, homofobia e outras dinâmicas de desumanização (Carvalho, 2023).

No entanto, reconhecidas as complexidades das sociedades contemporâneas, com sua multiplicidade de acontecimentos, não nos seria possível tomar conhecimento, mesmo que parcial, daquilo que ocorre no mundo que habitamos sem a mediação jornalística. Tal mediação, no entanto, pressupõe diferenças de linguagem e de estratégias narrativas em função do tipo de mídia informativa, variando caso se trate de televisão, rádio, internet ou plataforma social digital. As entrevistas aqui analisadas se beneficiam do fato de terem sido publicadas na internet, com espaço e tempo, a princípio, sem os constrangimentos que seriam verificáveis em algumas emissões de rádio, de televisão ou de jornais impressos. Como narrativa jornalística que pressupõe o foco em histórias de vida ou relatos de temas por especialistas, dentre outras possibilidades, a entrevista, segundo Thais de Mendonça Jorge (2019), tem a potencialidade de abordagens mais complexas, tanto de temas, quanto de personagens entrevistadas.

Importa, ainda, para as reflexões deste artigo, registrar que as relações de gênero no interior das atividades jornalísticas têm merecido interesse de investigação há algumas décadas, a exemplo da verificação da diversidade de gênero nas redações, inclusive no que se refere a cargos ocupados, se de chefia ou predominantemente operacionais, aos assédios morais e sexuais etc. Na década de 1970, Gaye Tuchman (1978), no contexto dos Estados Unidos, sugeriu que a crescente presença de mulheres nas redações pode ter contribuído para noticiários menos desfavoráveis às feministas e aos feminismos. Filipa Subtil (1996), na década de 1990, realizou investigações sobre a presença de mulheres no jornalismo em Portugal, constatando o aumento, mas não necessariamente com possibilidades de exercício de cargos de chefia ou paridade salarial. Mais recentemente, o Global Media Monitoring Project indica mudanças sobre as mulheres em atividades jornalísticas em Portugal, registrando que diferenças salariais e posições de chefia persistem, impedindo que haja paridade entre homens e mulheres:

Dados de 2021 da Comissão da Carteira Profissional de Jornalistas – o organismo a quem compete, em Portugal, atribuir os títulos de acreditação das e dos profissionais da informação da comunicação social – dão conta da existência de 5.408 jornalistas, 3.193 homens e 2.215 mulheres, maioritariamente trabalhadores/as por conta de outrem, números que refletem uma evolução positiva relativamente ao passado, apesar de não espelharem um cenário de paridade (Global Media Monitoring Project, 2023, p. 3).

Das três entrevistas que analisamos neste artigo, somente uma, com Anita Erskine, empresária de Gana, foi conduzida por uma mulher¹, embora todas as entrevistadas sejam mulheres. Essa entrevista destaca-se ainda por ser a única em que a estratégia narrativa não foi de pergunta-resposta, com trechos da jornalista ao longo do texto se intercalando a falas da entrevistada. Entrevistas publicadas no formato pergunta-resposta, a princípio, respeitariam mais os pontos de vista da pessoa entrevistada (Jorge, 2019), ainda que também sejam editadas, o que significa cortes de falas ou remanejamentos de trechos de respostas que não necessariamente foram dadas na sequência em que aparecem no texto final.

4 Racismo

No que tange à relação entre o racismo e a empiria deste artigo, destacamos o seguinte trecho: “Anita Erskine é uma mulher. Anita Erskine é uma mulher de cor. Anita Erskine é uma mulher de cor empreendedora. Estas três frases ainda não disseram nada sobre quem é Anita Erskine, apenas dizem alguma coisa sobre como o mundo a vê” (Vasco; Rascão, 2023). A essa descrição inicial da empresária Anita Erskine, que “[...] é do Gana, ainda que nascida em Israel, e estudou no Canadá”, seguem-se informações sobre as suas atividades profissionais e o contexto em que foi realizada a entrevista. Para os propósitos deste artigo, destacamos as seguintes respostas de Anita Erskine:

Vivemos num mundo em que tu e eu entramos num determinado espaço e tu provavelmente terás oportunidades que eu não terei. Porque há racismo e muita desigualdade. Há um enviesamento na forma como nos veem, o racismo é sistemático. As pessoas não olham em primeiro lugar para mim na perspectiva do que posso fazer, a realidade que veem é que sou uma pessoa de cor. Eu e tu temos uma cor de pele diferente. Esperamos que um dia sejamos vistas de igual forma, na perspectiva do que fazemos ou podemos fazer.

Em alguns lugares nos Estados Unidos, e mesmo na Europa, as palavras que são usadas para descrever alguém como eu são impublicáveis. Por isso, para retirar as palavras negativas, eu substituo-as por algo que me dá dignidade. Deixem que vos explique como se referirem a mim com dignidade porque podem estar a chamar-me de uma forma que é negativa, pelo menos na forma como a usam.

Quando estou na Europa ou nos Estados Unidos, sou uma minoria. Sou uma mulher de cor. Quando estou no Gana sou uma mulher negra num local onde quase todas as pessoas são negras.

Devíamos ter como objetivo que em 20 anos não tivéssemos que nos definir pela cor da pele. É só natural. O mesmo em relação à igualdade de género, o

¹ Há também atribuição à autoria das fotografias da entrevistada, feitas por um jornalista, motivo pelo qual nas referências bibliográficas identificamos dupla autoria à entrevista.

mesmo em relação a sermos sustentáveis porque queremos todos estar vivos. Queremos poder remover os rótulos.

Estavam só homens atrás das câmaras e um deles disse-me ‘oh meu Deus, é o fim da tua carreira’. Não sussurrou, disse bem alto para todos ouvirem. Lembro-me de ter pensado que nunca tinha perguntado a uma mulher grávida ou a uma mãe como é que conseguiam gerir as suas vidas, equilibrar família e trabalho. Porque sempre assumi que simplesmente mantemos as coisas a funcionar.

Na minha casa, a igualdade reina. Temos turnos e todos fazem de tudo, cozinhar, limpar, arrumar. As mulheres não são quartos para ter bebés, não são cozinheiras, não são o tapete onde se limpa e seca os pés quando se chega a casa” (Vasco; Rascão, 2023).

Como a narrativa, conforme já informado, não foi publicada segundo a fórmula de entrevistas com pergunta-resposta, não é possível identificar se a jornalista formulou perguntas sobre o racismo e as desigualdades de gênero, ou se os temas foram propostos por Anita Erskine a partir de derivações de outras perguntas e posteriormente incorporados ao texto como se resultassem de iniciativa da entrevistadora. Em intervenções ao longo do texto, a jornalista destaca sua condição de mulher caucasiana: “Vivemos no mundo em que eu, Rute, caucasiana-beje que entrevisto Anita, não me apresento ao mundo pela cor da minha pele” (Vasco; Rascão, 2023). Em outro momento, a jornalista destaca que “Educação de raparigas, igualdade de gênero, diversidade cultural e empreendedorismo” são pilares de atuação de Anita Erskine, “[...] que é também empreendedora além de atriz, apresentadora de talk show, locutora e ativista” (Vasco; Rascão, 2023).

Responsável pela criação do conceito de raça como supostas diferenças biológicas, o racismo instituiu não apenas preconceito e desumanização de pessoas negras, como historicamente tem respaldado violências físicas e simbólicas contra elas (Mbembe, 2017, 2021; Sharpe, 2023). Mesmo após estar cientificamente comprovada a inexistência de raça como diferenciação biológica, as práticas racistas seguem curso firme, violando direitos humanos básicos, assim como limitando acesso a condições dignas de trabalho remunerado com paridade, saúde, educação e outros direitos vitais. Se a escravização para fins de trabalho forçado gerador de riquezas para as nações colonizadoras, como acontecimento que está na raiz do racismo contemporâneo, é fato do passado, suas consequências continuam no presente. Segundo Christina Sharpe, “[...] a escravização transatlântica foi e é o desastre. O desastre da sujeição Negra foi e é planejado; o terror é o desastre, e ‘o terror tem uma história’ e é profundamente atemporal” (Sharpe, 2023, p. 10).

Detectável em diversos países, o racismo contra pessoas negras tem sido responsável por assassinatos motivados por ódio e em países como o Brasil e os Estados Unidos as

populações negras estão sujeitas também a violências por parte das polícias, não raro resultando em assassinatos, assim como no encarceramento em massa (Akotirene, 2019; Sharpe, 2023). Atentas aos efeitos diversos e perversos do racismo e às formas como ele se manifesta, mulheres negras não se reconhecem em todas as dimensões dos feminismos liderados por mulheres brancas, levando à formulação de políticas próprias de enfrentamento das estratégias masculinistas ancoradas no patriarcado (Akotirene, 2019; Collins, 2019). Em que pese a solidariedade universal entre as mulheres, as feministas negras ponderam que sem incluir o racismo como uma das estratégias de hierarquização e exclusão, os feminismos falham em indicar todas as modalidades de exercício de poder. Dentre as ferramentas conceituais do feminismo negro, uma das mais importantes é a noção de interseccionalidade. Segundo Carla Akotirene:

[...] a interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (Akotirene, 2019, p. 14).

Interseccionalidade, nessa perspectiva, não é sinônimo de somatório de opressões, embora resulte, e promova, relações fundadas em princípios opressores e de exclusões desumanizadoras. Como conceito e estratégia política e epistemológica, interseccionalidade diz de um conjunto de relações de poder que devem ser superadas para que racismo, misoginia, capacitismo, LGBTQIAPN+fobia² e outros preconceitos desapareçam. Para os feminismos negros, tem sido operador analítico e político fundamental.

5 Transfobia

A entrevista com Marina Machete foi publicada logo após ela ter vencido o concurso de Miss Portugal, fato inédito no país e ainda raro no mundo. Nas primeiras linhas da entrevista, o jornalista Filipe Carmo faz uma breve apresentação da entrevistada e sintetiza algumas reações à vitória:

Marina tem 28 anos, é de Palmela, e em poucas horas tornou-se a protagonista de intensos debates nas casas dos portugueses, nos cafés e, claro, nas redes sociais. Na Internet, onde atualmente se comenta sem

² A sigla LGBTQIAPN+ abarca pessoas Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer / Questionando, Intersexo, Assexuais / Arromântica / Agênero, Pan / Poli, Não-binárias e mais e visa identificar a pluralidade de expressões de gênero e de sexualidade.

pudores aquilo que se pensa, há de tudo: quem aprove a vitória, quem a condene, quem elogie a jovem e quem a insulte (Carmo, 2023).

Ao longo da entrevista, publicada sob o formato pergunta-resposta, Marina fala sobre a vitória como Miss Portugal, preconceitos e trabalhos para causas sociais:

A minha candidatura ao concurso (Miss Portugal) talvez tenha sido um pouco inocente, porque queria simplesmente seguir o que era um sonho meu enquanto mulher e não enquanto mulher transgênero. A nossa história enquanto mulheres neste concurso é muito valorizada, é parte da nossa participação. O concurso não avalia apenas o exterior, a candidata tem de participar de forma ativa na sociedade, através de causas sociais, e tem de transmitir uma imagem e mensagem a uma certa comunidade.

Está a custar ajustar-me à ideia de que, possivelmente, serei reconhecida e que, mais do que isso, serei uma mulher que irá mostrar que é possível ser uma pessoa normal e ser transgênero, porque isso é natural e deve ser normalizado.

Já ouvi de tudo, não há nada que me possa magoar. A maioria dos comentários ofensivos até me faz rir, a mim e à organização (do concurso Miss Portugal). Esses comentários não se aplicam a mim, representam apenas ignorância. Não culpo as pessoas que têm estas opiniões porque, infelizmente, muitas delas nunca tiveram acesso à possibilidade de se informarem. Espero que isto sirva para ajudar a mudar a percepção das pessoas para que não aconteça com a próxima pessoa.

Nos primeiros dois anos em que trabalhei como hospedeira, tive a oportunidade de fazer voos internacionais. Viajei bastante e deparei-me com a realidade de outras pessoas trans, em que as oportunidades dessas pessoas são verdadeiramente limitadas devido à intolerância. Isso chocou-me, tal como perceber que a minha vida poderia ter sido completamente diferente se tivesse nascido, por exemplo, no Brasil e que o meu destino poderia ter sido outro. Temos de resolver este tema a nível mundial, precisamos de representatividade e que as pessoas percebam que somos pessoas normais.

Se eu não tivesse tido acesso a uma transição médica, hoje não estaria viva, porque o meu cérebro nunca se conseguiria adaptar a um corpo masculino. Tive de adaptar o meu corpo ao meu cérebro feminino.

Os comentários não derivam da minha aparência enquanto mulher, mas sim de um lado transfóbico e desinformado das pessoas que querem 'gritar' ódio. É triste e tem de mudar (Carmo, 2023).

Embora Marina Machete, em diversas respostas ao longo da entrevista, aborde diretamente a transfobia, manifestando preocupações com os impactos negativos principalmente sobre meninas transgênero adolescentes e pré-adolescentes, ela não informa se dentre as causas sociais em prol das quais trabalha estariam ações voltadas para essas meninas ou para o combate à transfobia.

Forma específica de preconceito contra pessoas trans*³, a transfobia se manifesta em amplos espectros da vida social, como escolas, igrejas, trabalho e outros ambientes, causando sofrimentos psíquicos e, no limite, violências físicas e mortes (Aguirre-Sánchez-Beato, 2020). Além dos preconceitos vindos da população em geral, pessoas trans*, historicamente, são também discriminadas por segmentos ativistas, a exemplo de parte do movimento LGBTQIAPN+ (Pereira, 2022) e de alguns feminismos (Cyrino, 2023; Silva, 2022). Segundo Sara Aguirre-Sánchez-Beato (2020, p. 4, tradução nossa):

[...] dois conceitos principais são usados para explicar comportamentos discriminatórios contra pessoas trans: transfobia e preconceito contra pessoas trans (também chamado de preconceito anti-trans e preconceito contra pessoas trans). “Transfobia” foi inicialmente definida por Hill & Willoughby (2005, p. 533) como “nojo emocional em relação a indivíduos que não se conformam às expectativas de gênero da sociedade”. No entanto, espelhando os debates sobre o conceito de homofobia, a noção de transfobia tem sido criticada devido às suas conexões com o medo irracional, o que pode levar à ideia de que é uma doença. Portanto, o termo “preconceito contra pessoas trans” foi proposto como uma forma de se afastar da ideia de medo ou doença em direção à internalização individual de crenças sobre pessoas trans. Essas crenças, denominadas “estigma trans”, são um “sistema de crenças compartilhado através do qual o transgênero e a transexualidade são deslegitimados e construídos como inválidos em relação à heteronormatividade (King *et al.*, 2009, p. 19).

Uma vez compreendido que a transfobia não é uma doença, mas resulta da recusa e do preconceito relativamente às pessoas trans*, verifica-se uma diversidade de componentes socioculturais por trás das atitudes transfóbicas. Na luta contra a transfobia, movimentos transfeministas foram criados, reivindicando direitos específicos (Nascimento, 2021; Valencia, 2018). Conforme Sayak Valencia:

[...] o enfoque deste trabalho parte da perspectiva transfeminista, entendida como uma ferramenta epistemológica que não se limita à incorporação do discurso transgênero ao feminismo, nem se propõe como uma superação dos feminismos. Antes, trata-se de uma rede que considera os estados de trânsito de gênero, de migração, de mestiçagem, de vulnerabilidade, de raça e de classe, para articulá-los como herdeiros da memória histórica dos movimentos sociais de insurreição (Valencia, 2018, p. 31).

Dentre as lutas por reconhecimento empreendidas pelo transfeminismo estão o fim da medicalização das identidades trans*, que interfere em procedimentos como cirurgias,

³ Adotamos o asterisco em conformidade com definições que indicam pluralidade de expressões e identidades de gênero abrigadas no prefixo trans, termo guarda-chuva para pessoas transexuais, transgênero, travestis, não binárias etc.

utilização de hormônios e promove patologização, assim como políticas que visam o fim das violências físicas e simbólicas, como assassinatos, cujas motivações busca-se enquadrar nos feminicídios (Nascimento, 2021).

6 Mulheres nas ciências

Na apresentação da entrevista com a escritora Julia Navarro, o jornalista Jorge Andrade destaca:

A lista das mulheres que protagonizaram na História é extensa, mas, inúmeras vezes, ignorada. Julia Navarro, escritora espanhola, romancista premiada, dedicou meses do seu trabalho ao seu novo livro. Uma história partilhada – Com eles, sem eles, contra eles, levanta o manto de silêncio que nos últimos séculos cobriu a vida e glória das mulheres (Andrade, 2023).

Na entrevista, a escritora responde a perguntas sobre diversos desafios enfrentados por mulheres ao longo da história, dos quais destacamos trechos em que Julia Navarro aborda atividades das mulheres nas ciências:

O que afirmo é que a história foi escrita pelos homens até ao século XX e, nessa história escrita no masculino, esqueceram-se de que as mulheres também estavam lá. Assim, o papel das mulheres tem sido quase uma nota de rodapé.

Há uma história ligada a Marie Curie que me parece muito interessante. Após a morte do seu marido ela manteve uma relação com outro cientista, um homem casado. O assunto foi tema nos jornais e Marie Curie começa a ser falada depreciativamente. Entretanto, vence o Prémio Nobel e a Academia Sueca opunha-se a que ela fosse receber o prémio. Uma hipocrisia. No entanto, há um homem, Albert Einstein, que lhe escreve uma carta onde afirma: “Tens de ir a Estocolmo. Tens de ir receber o Prémio Nobel, porque o recebeste pelo teu talento, não pela tua vida pessoal”. Marie Curie decide ir a Estocolmo porque há um homem, Einstein, que lhe diz: “Ouve, não podes desistir, tens de ir”.

Há muitas mulheres cientistas que não puderam assinar as suas descobertas e que foram assinadas pelos seus professores, pelos seus mestres ou pelos seus colegas de laboratório. Isto é absolutamente tremendo, porque eles nunca tiveram a decência de reconhecer que a descoberta que lhes foi atribuída não era deles, mas delas.

A falta de conhecimento que temos sobre as mulheres no mundo da ciência, precisamente porque não estão nos manuais, levou-me a tentar investigar. E, de repente, comecei a encontrar mulheres que foram realmente génios. A matemática, a física, a química, a astronomia não teriam atingido o nível de desenvolvimento que atingiram sem o contributo e as descobertas dessas mulheres.

Uma das coisas que mais me surpreendeu quando pesquisei o papel das mulheres na ciência foi o das astrónomas. Não poderíamos compreender a astrofísica sem o contributo no feminino. Contributos que foram deixados nas mãos dos homens para quem estas mulheres trabalharam. Assim foi, por exemplo, com as astrónomas do chamado “harém de Pickering”, denominação que se deve ao apelido do diretor do Observatório Astronómico de Harvard. Era um grupo de mulheres que nunca recebeu o reconhecimento que merecia. Foram contratadas para contar e classificar estrelas. Teria sido impossível ao mundo da astronomia avançar como avançou sem as contribuições de todas essas mulheres anónimas (Andrade, 2023).

O cenário descrito por Julia Navarro está diretamente relacionado ao Efeito Matilda, conceito cunhado por Margaret W. Rossiter em 1993, que descreve a exclusão e invisibilidade das mulheres na história das ciências, resultando em um sub-reconhecimento de suas contribuições em favor de figuras masculinas notórias. O conceito parte do chamado Efeito Mateus, de Robert K. Merton (2013), que explica como aqueles que já estão no topo da carreira científica tendem a receber mais reconhecimento, enquanto aqueles que ainda não se destacaram são frequentemente ignorados. Rossiter observa que, embora o Efeito Mateus geralmente se refira ao reconhecimento exagerado dos cientistas de renome, ele também se aplica ao sub-reconhecimento de cientistas menos visíveis, particularmente mulheres.

Esse fenômeno é exacerbado por práticas de divulgação científica que favorecem nomes já famosos para atrair a atenção do público, ou mesmo pelo imaginário das mulheres na ciência que tendem a ser lidas como exceção à regra, como é o caso de Marie Curie, citada na entrevista. Artigo de Balbé, Botelho e Cabecinhas (2023) aponta que Curie é citada várias vezes em livros didáticos do ensino secundário português, mas a análise exaustiva dos livros de história revela que o papel das mulheres na ciência ainda é por demais negligenciado, corroborando com nosso argumento. Outro aspecto relevante dessa dimensão está em estudos como o de Atir e Ferguson (2018), que mostram que cientistas famosos são frequentemente referidos apenas pelo sobrenome, uma prática que é mais comum com homens do que com mulheres, políticos ou atletas. Novamente, cabe lembrar que na anedota de Marie Curie, o sobrenome mundialmente famoso foi, também, herdado de seu marido.

Mais do que um conceito de denúncia, Rossiter (1993) usa o Efeito Matilda para destacar o papel das mulheres na ciência e criticar a negação do viés sexista que contribui para sua invisibilidade. Ela argumenta que o Efeito Matilda ajuda a revelar e corrigir séculos de exclusão feminina na ciência, promovendo uma história e uma sociologia da ciência mais justas e inclusivas. Ainda que o argumento possa ser interpretado como mero desejo de igualdade na academia, o viés feminista da afirmação tem lastro na própria história das contribuições das mulheres às ciências: dimensões de gênero em pesquisas científicas, por exemplo, só passaram

a se fazer efetivamente presentes nos estudos sociais das ciências depois da emergência dos estudos feministas (Schiebinger, 2001).

Estudos esses que alertam para o fato de que as reivindicações masculinas predominantes na construção do conhecimento científico refletem apenas uma visão parcial da experiência humana, e, portanto, precisam ser reconsideradas (Harding; Hintikka, 1983). Já a perspectiva feminista argumenta que o conhecimento deve se basear na experiência, que varia conforme as atividades e relações sociais – logo, experiências de mulheres, em suas múltiplas vivências e identidades, são diferentes das experiências dos homens. Nessa mesma linha, a obra de Bohannon (2024) aponta para as problemáticas em torno de resultados de estudos científicos que deveriam considerar tais diferenças, mas optam por desconsiderá-las a fim de não complexificar o sujeito padrão da ciência, que tende a ser homem e branco.

Retomando o Efeito Matilda, um estudo de Rajkó *et al.* (2023) com pesquisadores da comunicação em 11 países identificou que, apesar das motivações pela equidade na ciência, as proporções de gênero entre os pesquisadores mais produtivos ainda não estão explicitamente definidas, assim como o papel do gênero na explicação do uso e impacto/citações das pesquisas em diferentes países, configurando um efeito Matilda duplo que afeta tanto a produção, quanto o desempenho na pesquisa em comunicação, indicando que as desigualdades de gênero continuam prevalentes no campo.

7 Discussão

A quantidade de mulheres e homens que realizaram as entrevistas com as mulheres que estamos analisando está alinhada à registrada no cômputo das diferenças de gênero nas atividades jornalísticas em Portugal, conforme dados do Global Media Monitoring Project (2023) e da Comissão da Carteira Profissional de Jornalistas. Como neste artigo não nos propomos um estudo etnográfico nas redações responsáveis pelas entrevistas publicadas, não é possível indicar as razões para tal discrepância. Restam indagações: (1) as redações responsáveis pelas entrevistas teriam composições desfavoráveis às jornalistas? (2) considerando a entrevista jornalística em suas especificidades relativamente a outras modalidades narrativas no jornalismo (Jorge, 2019) como de maior prestígio, a designação majoritária de homens teria relação direta com o fato de eles ocuparem comparativamente postos de maior poder nas redações jornalísticas portuguesas, conforme indicam algumas investigações? (Subtil, 1996; Global Media Monitoring Project, 2023).

Quaisquer sejam as respostas às duas indagações, fica evidente a não paridade de gênero, que pode interferir na própria escolha de temas abordados, potencialmente distintos a partir da experiência comum de ser mulher em um mundo culturalmente misógino. A considerar também que um homem entrevistando uma mulher pode gerar desconforto por razões variadas, da possibilidade de hierarquizar posições a constrangimentos gerados por perguntas de caráter misógino, ainda que não intencional. A discrepância, ademais, reforça simbolicamente o controle da palavra da mulher pelo homem, denunciado por feminismos de variados matizes. A soma dessas condições é indicativa das limitações do jornalismo na oferta de inteligibilidades ampliadas sobre os temas e acontecimentos que narra, assim como as considerações que faremos ao longo deste tópico.

À não paridade de gênero, que nos marcos das discussões teóricas que realizamos não se limita ao binarismo homem-mulher, considerando outras expressões de gênero, como as trans*, soma-se a pequena presença de pessoas negras nas atividades jornalísticas em Portugal, com poucos dados disponíveis. Sobre pessoas trans* atuando como jornalistas em Portugal não localizamos dados disponíveis. Relativamente à presença de pessoas negras em redações jornalísticas portuguesas, as informações que conseguimos acessar estão em dissertação defendida por Helena Patrícia Vicente e limitam-se à televisão:

[...] entre os anos de 1992 e 2017 foi possível fazer-se o mapeamento de 36 profissionais negros, dos quais 8 trabalharam como jornalistas e 28 na condição de apresentadores, repórteres, cronistas e comentadores televisivos. O principal gênero desempenhado pelos afrodescendentes é o entretenimento, [...] gênero menos prestigiado que a informação. Durante o período de análise, trabalharam mais mulheres negras do que homens na televisão (Vicente, 2019, p. 43-44).

Parte expressiva das pessoas negras identificadas na pesquisa de Helena Patrícia Vicente atuavam na emissora RTP África.

Feitas as considerações gerais sobre jornalismo, (in)equidade de gênero e racial, a entrevista com Anita Erskine revela uma mulher negra atenta aos jogos de poder que o feminismo negro tem denunciado, especialmente por meio da perspectiva da interseccionalidade (Akotirene, 2019). Refletindo a partir de suas experiências como mulher que atua em diversos continentes, Erskine indica uma condição global de ser mulher marcada pelas dinâmicas do poder masculino, que se reflete também em Gana, seu país, por meio dos comentários dos homens por trás das câmeras – em gravação do programa televisivo que ela

apresenta – sobre o possível fim de sua carreira por estar grávida. E Erskine destaca que por trás das câmeras só havia homens.

Relativamente ao racismo, Anita Erskine, ao dizer que “quando estou na Europa ou nos Estados Unidos, sou uma minoria. Sou uma mulher de cor. Quando estou no Gana sou uma mulher negra num local onde quase todas as pessoas são negras”, aponta para dois problemas conexos. O primeiro, o uso da expressão “mulher de cor” como se mulheres não negras fossem destituídas de “cor”, no sentido cultural que traz na ideia da cor o negro com carga de preconceito e desumanização. O outro problema deriva do primeiro e está presente em investigações sobre o racismo (Mbembe, 2017, 2021; Sharpe, 2023): a condição de “pessoa negra” não é uma auto atribuição, mas a nomeação pejorativa dada por quem atribui, preconceituosamente, supostas qualidades negativas a quem seria “diferente”. Não “ser mulher negra”, mas “tornar-se mulher negra” com todas as dinâmicas de poder implicadas, como Erskine demonstra no relato das suas experiências, está no centro dos debates do feminismo negro (Akotirene, 2019; Collins, 2019).

Como destacamos, a entrevista com Anita Erskine foi a única, da nossa análise, não publicada sob o formato pergunta-resposta, assim como a única conduzida por uma mulher. De uma perspectiva negativa, o formato pode sugerir a interferência da mulher branca como aquela que “autoriza a fala” da mulher negra, intercalando comentários sobre o que foi dito, e também se posicionando, como na comparação das diferenças de tratamento entre ambas, em que o preconceito desfavorece Anita Erskine, mas não atinge Rute Sousa Vasco, “caucasiana-beje”, conforme autodefinição que indica um branco não tão alvo. Por outro lado, o formato sugere um diálogo entre mulheres, que a despeito do racismo, não está inviabilizado, permitindo conversa franca sobre racismo, hierarquia de gênero, empreendedorismo e ativismo social. Um exemplo está no trecho “de repente, temos o livro *Americanah*, de N’Gozie Chimamanda (sic) no meio de nós, mais a sua história de uma nigeriana que na América não é suficientemente americana e uma americana que na Nigéria é vista como menos nigeriana” (Vasco; Rascão, 2023). Chimamanda Ngozi Adichie, além de escritora é também reconhecida como importante feminista negra, e a referência a ela se dá em trecho da entrevista em que Anita Erskine relata seu desconforto com o racismo. “A sociedade decide por ti quem deves ser, em que caixa deves caber, quando só queremos ter direito à nossa individualidade” (Vasco; Rascão, 2023).

Ter vencido o concurso Miss Portugal, com as reações positivas e discursos de ódio daí advindos foi a motivação para a entrevista com Marina Machete, primeira mulher trans a receber o título em Portugal e uma das poucas em todo o mundo. A transfobia, nomeada ou

não, é tematizada em diversas respostas de Marina, que atribui os preconceitos a desinformação sobre mulheres trans. Ser uma mulher trans é defendido por ela como “condição normal e que deve ser normalizada”, tal como propõe o transfeminismo, movimento que não foi tematizado na entrevista. Percebe-se pelas respostas que Marina Machete almeja e performa características de feminilidades tradicionais, o que se confirma pela disputa do concurso de Miss Portugal. Concursos dessa ordem são criticados por diversos feminismos por reforçarem papéis de gênero estereotipados para as mulheres, idealizando modelos de beleza e comportamentos, dentre outros.

Um dos modelos a seguir é a atuação social, que Marina afirma realizar há algum tempo, mas, como já indicamos, ela não informa, nem lhe foi perguntado, se suas ações incluem militância pelo fim da transfobia e projetos de apoio às meninas e adolescentes trans, referidas na entrevista como as mais atingidas pela transfobia. Marina destaca sua sorte por ter nascido em Portugal, e não em outro local, como o Brasil. Por triste coincidência, um dos mais rumorosos casos de assassinato por transfobia em Portugal vitimou a brasileira Gisberta Salce Júnior, morta aos 45 anos por um grupo de adolescentes na cidade do Porto, com requintes de crueldade (Fagundes, 2017). Gisberta havia saído do Brasil há alguns anos exatamente por medo de ser assassinada.

Sobre o essencialismo biológico, o depoimento de Marina Machete é tocante: “Se eu não tivesse tido acesso a uma transição médica, hoje não estaria viva, porque o meu cérebro nunca se conseguiria adaptar a um corpo masculino. Tive de adaptar o meu corpo ao meu cérebro feminino” (Carmo, 2023). Mas também revelador do quanto a experiência da transexualidade efetivamente traz uma componente complexa à assertiva “não se nasce mulher, torna-se mulher”, formulada por Simone de Beauvoir num momento em que mulheres trans não tinham possibilidades de se apresentarem publicamente sem riscos ainda maiores do que os atuais de sofrerem violências físicas e simbólicas, muitas vezes resultando em assassinatos. Estavam condenadas à morte social, pela invisibilidade imposta.

Essa perspectiva dialoga também com as dimensões biologizantes da ciência que, com frequência, circunscrevem os modos de ser e de tratar as mulheres nesse campo, tanto como sujeitas, quanto como fenômenos de pesquisa e, mais além, também em atividades de divulgação da ciência, das quais o jornalismo pode ser um exemplo (Costa, 2019). Se é sabido que, ao longo de séculos, mulheres têm sido vítimas de processos sexistas e preconceituosos em função de sua mera existência é por isso, também, que são excluídas de processos de reconhecimento de autoria de artigos, de descobertas e contribuições a campos diversos do saber científico. A dinâmica da entrevista dá a ver algumas dessas dimensões, quando destaca

que “há muitas mulheres cientistas que não puderam assinar as suas descobertas e que foram assinadas pelos seus professores, pelos seus mestres ou pelos seus colegas de laboratório”. Um caso notório, citado por Rossiter (1993), é o de Lise Meitner, que atuou por décadas com Otto Hahn, na Alemanha, no desenvolvimento da técnica de fusão nuclear, pela qual Hahn foi laureado com o Nobel em 1944, sem que as contribuições de Meitner fossem reconhecidas. Chama a atenção, no entanto, que na entrevista publicada no portal português os nomes dessas mulheres, bem como os casos em que foram invisibilizadas, seguem sem ser nomeados, o que indica mais uma camada de invisibilização na contramão da denúncia promovida pela escritora. Ao falar da falta de conhecimento que temos sobre as mulheres no mundo da ciência, a entrevista acaba por ser, também, mais um exemplar de falta, e não de presença ou visibilidade, tomando as mulheres cientistas apenas como objetos da investigação literária, e não sujeitas de suas histórias, fazendo com que continuem a ser associadas a posições de subalternidade e objetificação, como no caso da menção ao harém de Pickering.

8 Considerações finais

Anita Erskine desvela o quanto “ser mulher negra” não é uma questão quando ela está em Gana, seu país, de maioria populacional negra, mas torna-se um marcador em contextos nos quais imperam as lógicas racistas fundadas na suposta superioridade da raça branca. Por outro lado, a misoginia é denunciada por ela em contexto de trabalho em Gana, deixando explícito o desafio enfrentado por diversos feminismos na superação do domínio masculinista. A entrevista com Anita Erskine se alinha, assim, sobretudo às reivindicações dos feminismos negros, de simultaneamente superar racismo, misoginia, diferenças salariais e outras formas de violências físicas e simbólicas contra mulheres negras.

A entrevista com Marina Machete tematiza a transfobia como problema enfrentado por pessoas trans*, vítimas diárias de variadas modalidades de violências físicas e simbólicas. Mas também nos permite perceber que há correntes feministas que não aceitam que mulheres trans sejam efetivamente consideradas mulheres, o que é contraposto pelas correntes transfeministas. Marina Machete performa, na entrevista, o papel de mulher “tradicional”, de saída por disputar e vencer um concurso de miss, que na percepção de diversos feminismos, é tipicamente uma disputa que reforça estereótipos de gênero.

A escritora e jornalista Julia Navarro é a única mulher que fala mais a partir de experiências de outras mulheres do que das suas próprias vivências, que não estão de todo

ausentes de suas respostas. Por consequência, sua percepção sobre as mulheres nas ciências está marcada especialmente pela mediação literária, expressa em livro então lançado, e menos em uma perspectiva que dê conta dos desafios contemporâneos enfrentados por mulheres nos universos das ciências e da divulgação pública das ciências.

Embora situadas na lógica de inteligibilidades pouco ampliadas ofertadas pelo jornalismo, as três entrevistas analisadas nos permitiram compreender, a partir de vivências de três mulheres, sentidos atualizados sobre a assertiva “não se nasce mulher, torna-se mulher”, com a qual Simone de Beauvoir (1980) trouxe contribuição decisiva para diversas vertentes do feminismo. Publicadas em Portugal, as entrevistas abordam tanto dinâmicas próprias do país no que se refere às condições do ser/tornar-se mulher, quanto projeta dimensões universais dos desafios impostos pelo racismo, pela transfobia e pela atuação das mulheres nas ciências. Como destacamos, a atividade jornalística tende a deixar lacunas explicativas, mesmo quando sob a forma de entrevistas, modalidade informativa que potencializa aprofundamentos nas temáticas abordadas.

Financiamento

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Referências

AGUIRRE-SÁNCHEZ-BEATO, Sara. Explaining transphobia and discrimination against trans people: a review of theoretical approaches. **Psicologia e Sociedade**, Recife, n. 32, p. 1-17, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32i190274>. Acesso em: 18 ago. 2024.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

ANDRADE, Jorge. Vivemos numa sociedade orwelliana, em que nos dizem o que temos de pensar. Essa é a semente do fascismo – escritora Julia Navarro. **Sapo Lifestyle**, [s. l.], 30 out. 2023.

ATIR, Stav; FERGUSON, Melissa J. How gender determines the way we speak about professionals. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, Washington, v. 115, n. 28, p. 7278-7283, 2018. Disponível em: <http://doi.org/10.1073/pnas.1805284115>. Acesso em: 18 ago. 2024.

BALBÉ, Alice; BOTELHO, Claudia; CABECINHAS, Rosa. Mulheres cientistas? A representação das mulheres na ciência nos livros didáticos de história em Portugal. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 67, p. 1-18, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449202300670011>. Acesso em: 18 ago. 2024.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 2 v.

BOHANNON, Cat. **Eva**: como o corpo feminino conduziu 200 milhões de anos de evolução humana. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

CARMO, Filipe. Percebi que haveria uma explosão do que sempre ouvi por ser transgênero. **Fama ao Minuto**, [s. l.], 16 out. 2023.

CARVALHO, Carlos Alberto. **O Jornalismo, ator social colonizado e colonizador**. Curitiba: CRV, 2023.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

COSTA, Verônica Soares. **Faz todo sentido biológico?** Mulheres, (homens) e ciências nas textualidades do canal Nerdologia. 2019. Tese (Doutorado em Comunicação Social Social) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

CYRINO, Rafaela. A deriva transfóbica do feminismo radical dos anos 1970. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 39, n. 79, p. 1-31, 2023. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/0104-87752023000100007>. Acesso em: 18 ago. 2024.

FAGUNDES, Susana Isabel Araújo. **Um crime de ódio chamado Gisberta**: uma abordagem crítica e interseccional sobre os conteúdos da imprensa em Portugal. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2017.

GLOBAL MEDIA MONITORING PROJECT. **Who makes the news?** Global Media Monitoring Project 2020 Portugal National Report. [S. l.]: WACC, 2023.

HARDING, Sandra; HINTIKKA, Merrill B. (ed.). **Discovering reality**: feminist perspectives on epistemology, metaphysics, methodology, and philosophy of science. Dordrecht: D. Reidel, 1983.

JORGE, Thais Mendonça. **Viver o jornalismo**: a entrevista no dia a dia da profissão. Brasília: Ed. UnB, 2019.

MBEMBE, Achille. **Brutalismo**. Lisboa: Antígona, 2021.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2017.

MERTON, Robert K. **Ensaio de sociologia da ciência**. São Paulo: Associação Filosófica Scientiae Studia, 2013.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

PEREIRA, Francisco Luís Carvalho. **Transfobia dentro da comunidade LGBTQ+ e o crescimento do movimento LGB Alliance**. 2022. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) - Escola de Psicologia, Universidade do Minho, Braga, 2022.

RAJKÓ, Andrea *et al.* The Matilda Effect in communication research: the effects of gender and geography on usage and citations across 11 countries. **Communication Research**, Thousand Oaks, v. 50, n. 4, p. 446-470, 2023. Disponível em <https://doi.org/10.1177/00936502221124389>. Acesso em: 18 ago. 2024.

ROSSITER, Margaret W. The Matthew Matilda Effect in Science. **Social Studies of Science**, London, v. 23, n. 2, p. 325-341, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/030631293023002004>. Acesso em 18 ago. 2024.

SANTOS, Magda Guadalupe. Simone de Beauvoir: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 108-122, 2010.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru: EDUSC, 2001.

SHARPE, Christina. **No vestígio**: negridade e existência. São Paulo: Ubu, 2023.

SILVA, Marcele Moraes. **Transfobia no feminismo radical de segunda onda?** Uma análise dos seus pressupostos materialistas. 2022. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

SUBTIL, Filipa Mónica Brito Gonçalves. As mulheres jornalistas. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 3., 1996, Lisboa. **Anais [...]**. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia, 1996.

TUCHMAN, Gaye. **Making News**. a study in the construction of reality. New York: The Free Press, 1978.

VALENCIA, Sayak. El transfeminismo no es un generismo. **Pléyade: revista de humanidades y ciencias sociales**, Santiago, n. 22, p. 27-43, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4067/S0719-36962018000200027>. Acesso em: 7 jul. 2026.

VASCO, Rute Sousa; RASCÃO, Paulo. Anita Erskine: “Não quero ter de estar sempre a dizer que sou uma mulher de cor. Por agora, é ok. Mas será fantástico dizer simplesmente que sou uma mulher”. **Sapo 24**, [s. l.], 27 set. 2023.

VICENTE, Helena Patrícia. **Presença e percepções dos profissionais negros nos programas de informação e entretenimento na televisão portuguesa**. 2019. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Escola de Sociologia e Políticas Públicas, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2019.

Becoming a woman: analyses based on journalistic interviews

Abstract

Simone de Beauvoir's famous statement, "One is not born a woman, but rather becomes a woman", read through the lens of racism, transphobia, and the challenges facing women in science, reveals power relations. This article analyzes, based on three journalistic interviews, how three women reflect on the aforementioned themes. Journalism is considered important for the dissemination of socially impactful topics, but with limited capacity to provide broader frameworks of intelligibility. The interviews were published on news websites in Portugal, with a Portuguese trans woman, a Spanish woman, and a Ghanaian woman, and the analysis elucidates how "being a woman" is distant from totalizing models.

Keywords

women; racism; science; transphobia; journalism

Declaração de disponibilidade de dados

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo pode ser solicitado às pessoas autoras (ver autoria para correspondência).

Declaração de autoria e responsabilidade

Concepção e elaboração do estudo: Rosa Cabecinhas, Verônica Soares da Costa, Carlos Alberto de Carvalho
Coleta de dados: Rosa Cabecinhas, Verônica Soares da Costa, Carlos Alberto de Carvalho
Análise e interpretação de dados: Rosa Cabecinhas, Verônica Soares da Costa, Carlos Alberto de Carvalho
Redação: Rosa Cabecinhas, Verônica Soares da Costa, Carlos Alberto de Carvalho
Revisão crítica do manuscrito: Rosa Cabecinhas, Verônica Soares da Costa, Carlos Alberto de Carvalho

Autoria para correspondência

Carlos Alberto Carvalho
carloscarvalho0209@gmail.com

Como citar

COSTA, Verônica Soares da; CARVALHO, Carlos Alberto; CABECINHAS, Rosa. Tornar-se mulher: análises a partir de entrevistas jornalísticas. **Intexto**, Porto Alegre, n. 58, e-150370, 2026. DOI: <https://doi.org/10.22456/1807-8583.150370>

Recebido: 23/09/2025

Aceito: 18/04/2026

Copyright (c) 2026 Verônica Soares da Costa, Carlos Alberto Carvalho, Rosa Cabecinhas. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

